

● ARTES

Teatro colocou dedo na ferida

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnoticias.pt

“Estou tão cansada. Se eu pudesse descansar...”. As palavras são de Paula Erra, atriz transformada em gai-vota nos minutos em que interveio e que comoveram a plateia, ontem na abertura das Jornadas do Teatro, no Baltazar Dias, um espaço de debate e reflexão que contou com a presença das atrizes nacionais São José Lapa e Sara Barros Leitão. Estiveram sentadas ao lado de muitos homens e mulheres que fizeram e fazem teatro na Madeira.

“Fico embriagada em palco”, confessou Erra levantando um pouco o véu sobre o novo trabalho que ela e Elvío Camacho estão a preparar e que é também sobre teatro. “O mais importante não é a fama, nem o brilho. Não é nada daquilo que eu sonhava. O mais importante é a capacidade de aguentar. Carrega a tua cruz e tem fé. Eu tenho fé e assim já não me dói tanto. E quando penso na minha vocação, a vida não me assusta”, disse, afogada de seguida pelos aplausos. Elvío tomou-lhe o lugar e apresentou um pouco mais do espectáculo ‘A arte de pagar as suas dívidas’, encaixado que nem uma luva numa tarde dedicada a reflectir sobre os o caminho e os apoios às artes. “Eu tenho uma solução: dinheiro grátis para todos, como o têm dado de mão beijada aos banqueiros”.

Paula e Elvío são dois artistas que procuraram afastar-se do sistema e é assim que se querem manter. “Nós estamos a fazer tudo por tudo para não nos incluímos em esquema nenhum para fazermos a arte incluída que o sistema quer”, disse este actor que se vê dentro de 20 anos como director do Baltazar Dias.



Paula Erra e Elvío Camacho foram dois dos convidados das Jornadas promovidas pelo Teatro Baltazar Dias.

Paula Erra tem uma vida dedicada ao teatro, arte que lhe trouxe acima de tudo conhecimento de si própria. Confessa que tem pensado porque é que as coisas não mudam. “Que é que falha? O quem é que falta? O que é que não temos consciência? Não sei (...) acho que é mesmo uma questão de consciência de cada um”.

Como o resto da plateia, também Paulo Cafófo ficou sensibilizado. O presidente da Câmara do Funchal diz que trabalhar para as artes não pode ser um acto de fé ou de resistência. “Não pode ser isto. Nós não podemos estar sempre a resistir, sempre a aguentar e parece que estamos sempre nisto”, lamentou, recordando que o importante é o contributo que cada um dá. “Quem está numa câmara municipal, quem está num governo, quem tem funções na cultura, tem uma responsabilidade

JORNADA MOSTROU O MELHOR E O PIOR DE QUEM VIVE DAS ARTES TODOS OS DIAS

enormíssima”, defendeu, acrescentando que os artistas são revolucionários a cultura a melhor revolução que as pessoas podem ter. Quer é que cai o ‘r’ e que seja também evolução. “Eu detesto quando se pede esmola ou quando se pedem borlas aos artistas”, confessou. Os artistas precisam de viver, de comer, de amar e devem ser pagos, recordou.

“Nós somos uma ilha e às vezes são muito mais pequenos do que a ilha, temos a pequenez dos ilhéus. E

nós precisamos da cultura para ter mundo, os madeirenses precisam da cultura para ter mundo”.

Maria José Varela também estava na plateia, valorizando o debate. Fazer o melhor com o que está disponível é um dos princípios da directora do Contigo Teatro, que reconhece que é preciso outras condições para que as ambições possam ser concretizadas e que também apontou a falta de um espaço alternativo ao Baltazar Dias como uma das prioridades.

Eduardo Luiz recordou o percurso feito, a ligação à cidade e a importância do serviço educativo, do teatro escolar, de novos públicos e de ter um espaço próprio. Nesse sentido, pediu também a intervenção da Câmara no sentido de realizar obras de melhoria no Cine-teatro Santo António, que o Teatro Experimental do Funchal, que dirige, ocupa há 20 anos.

ACTORES MAIS UNIDOS EXIGEM MUDANÇA

■ Fazer teatro é um acto político e por isso Sara Barros Leitão defende uma ligação mais estreita dos actores, criadores, encenadores à política. A atriz está desiludida com o governo e sente que há muito a mudar. “O panorama que nós estamos a viver neste momento precisa urgentemente de discussão”, disse, lamentando os orçamentos para a Cultura que não apresentam melhorias e que estão “muito aquém” do prometido. Mas há mais a lamentar. “Para nós termos ainda de explicar à população que o Estado tem obrigação de financiar a cultura, a promoção do pensamento, a fruição da cultura, só demonstra o pouco investimento que houve”.

A classe faz o que pode. Os sindicatos fundiram-se, há um manifesto a circular com mais de 700 assinaturas de actores, para além de outras entidades que também se têm estado a mexer. “Estamos cada vez mais fortes e mais reivindicativos. Conseguimos uma resposta miserável do primeiro-ministro a dizer que dá um milhão e meio que não sabemos muito bem para que é (...). Mas isso só mostra que também estamos a ser ouvidos. Agora, queremos mais”.

São José Lapa acredita igualmente que há muitas a rever, rapidamente. “Há uma classe de trabalhadores da cultura, profissionais que estão aflitos”, alertou a atriz, referindo-se à pobreza e desemprego.

Nesta passagem pela Madeira defendeu a descentralização, a circulação dos espectáculos pelo território nacional e pelo estrangeiro.